

Família humana - Comunidade de Paz

(Continuação)

O ponto de encontro de todos os povos e culturas só pode ser a “lei moral comum que, independentemente das diferenças culturais, permite aos seres humanos entenderem-se entre si quanto aos aspectos mais importantes do bem e do mal, do justo e do injusto... O crescimento da cultura jurídica no mundo depende, para além do mais, do esforço de tornar as normas internacionais sempre substanciais de conteúdo profundamente humano, para evitar a sua redução a procedimentos facilmente contornáveis por motivos egoístas ou ideológicos”.

“A humanidade vive hoje, infelizmente, grandes divisões e fortes conflitos que lançam densas sombras sobre o seu futuro... Vastas áreas do planeta estão envolvidas em tensões crescentes... Há ainda guerras civis no continente africano... O Médio Oriente continua a ser teatro de conflitos e atentados... Um número maior de Estados envolvidos na corrida aos armamentos”, de cujo comércio “os países do mundo industrialmente desenvolvido arrecadam avultados lucros”... “O processo de não proliferação nuclear marca passo”... Sinto-me no dever de exortar as Autoridades a retomarem, com mais firme determinação, as conversações em ordem ao desmantelamento progressivo e concordado das armas nucleares existentes”. Ao fazê-lo, “sei que dou voz a um desejo compartilhado por quantos têm a peito o futuro da humanidade”.

“Convido todo o homem e toda a mulher a tomarem consciência mais lúcida da sua pertença comum à única família humana e a empenharem-se por que a convivência sobre a terra espelhe cada vez mais esta convicção da qual depende a instauração de uma paz verdadeira e duradoura”.

Como uma Família

(Continuação)

O primeiro é o do ambiente: “a família precisa de uma casa, dum ambiente à sua medida onde tecer as suas próprias relações. No caso da família humana, esta casa é o ambiente”. Recado certo para uma humanidade que teima – como acaba de se confirmar na conferência realizada em Bali – em dar primado aos interesses individuais de curto prazo em detrimento das mudanças de políticas económicas e dos modelos de desenvolvimento. O segundo campo é precisamente o da economia: “a família experimenta autenticamente a paz quando a ninguém falta o necessário, e o património familiar (...) é bem gerido na solidariedade”. Em tempo de endeusamento do capitalismo sem rosto, em que a eficiência económica é elevada ao altar e em que a justa distribuição da riqueza e o destino universal dos bens tendem a ser olhados como teimosias ideológicas, o recado do Papa precisa de ser ouvido por todas as comunidades cristãs. Por fim, o terceiro domínio de concretização é o do armamento: “temos vastas áreas do planeta envolvidas em tensões crescentes, enquanto o perigo de se multiplicarem os países detentores de armas nucleares cria motivadas apreensões em toda a pessoa responsável”. A responsabilidade de todos – ricos e pobres – na centralidade da indústria de armamento no mundo contemporâneo justifica plenamente que Bento XVI invoque a obrigação de levarmos a sério a nossa condição de família planetária para que se encontrem os caminhos do desarmamento e da não proliferação de arsenais de grande poder destruidor.

A paz é o caminho. Percorramo-lo como membros da mesma família.

José Manuel Pureza,
Professor Universitário

PARÓQUIA VIVA

N.º 352 – 01/01/2008

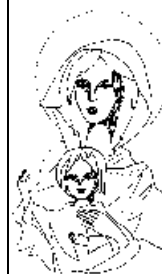
Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquia.socorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Santa Maria, Mãe de Deus - Ano A



«os pastores ... encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. ... Maria conservava todas estas palavras, meditando-as em seu coração. ... Quando se completaram os oito dias para o Menino ser circuncidado, deram-Lhe o nome de Jesus ...» (Evangelho)

Como uma Família

José Manuel Pureza considera que a Mensagem da Paz de Bento XVI amarra o combate pela paz à intensidade humana das relações familiares

“(...) a celebração deste Dia proporcionou ao longo dos anos a possibilidade de a Igreja desenvolver, através das Mensagens publicadas para tal circunstância, uma doutrina elucidativa em defesa deste bem humano fundamental” (Bento XVI).

Com efeito, no começo de cada ano, os Dias Mundiais da Paz tornaram-se em marcos densos de reflexão sobre os caminhos e descaminhos do mundo e em suportes do combate essencial pela paz. A mensagem de Bento XVI para o Dia Mundial da Paz deste ano assume plenamente esse desígnio.

As violências que marcam o nosso quotidiano, em todas as escalas – sejam físicas, estruturais ou culturais – são o avesso de uma condição familiar. A paz não é arrancada da eliminação das diferenças nem da erradicação dos conflitos que essas diferenças eliminam. Tal como a solidez da vida de um casal se testa nos momentos de tensão, assim também o lugar dado à paz se afere diante de conflitos que atravessam as nossas sociedades. Não é de matar os conflitos nem de suprimir as diferenças que se trata. O alicerce da paz é a educação para os conflitos e as diferenças, a aprendizagem de que as diferenças são um bem, de que os conflitos são ocasião de crescimento, mas que nada disso legitima a queda na tentação fácil da violência. E que o caminho da paz é portanto o de uma organização das relações sociais, em todos os espaços, que rejeite a violência, seja esta de carácter directo ou revele-se ela nas regras de funcionamento corrente dos colectivos.

(Continua na pág. 3)

O pároco formula votos de um Ano Novo 2008 cheio de Paz e Saúde para todos, com as Bênçãos do Deus Menino!

Santa Maria, Mãe de Deus (Dia da Paz) – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1ª leitura: Núm. 6, 22-27

2ª leitura: Gál. 4, 4-7

Evangelho: Lc. 2, 16-21

Família humana - Comunidade de Paz

Só o título – família humana, comunidade de paz – dá para perceber a ligação que o Papa pretende realçar entre família, “a primeira e insubstituível educadora da paz”, e a paz a nível mundial.

“Com efeito, numa vida familiar ‘sã’ experimentam-se algumas componentes fundamentais da paz: a justiça e o amor entre irmãos e irmãs, a função da autoridade manifestada pelos pais, o serviço carinhoso aos membros mais débeis, porque pequenos, doentes ou idosos, a mútua ajuda nas necessidades da vida, a disponibilidade para acolher o outro e, se necessário perdoar-lhe”.

De facto, pergunta-se o Santo Padre, “onde poderá o ser humano em formação aprender melhor a apreciar o ‘sabor’ genuíno da paz do que no ‘ninho’ primordial que a natureza lhe prepara?”

É que “a linguagem familiar usa um léxico de paz; é necessário recorrer sempre aqui para não perder o uso do vocabulário da paz. Na inflação das linguagens, a sociedade não pode perder a referência àquela ‘gramática’ que cada criança aprende dos gestos e olhares da mãe e do pai, antes mesmo das suas palavras”.

Por isso, “a comunidade humana não pode prescindir do serviço que a família realiza”.

Deste modo, “quem, mesmo inconscientemente, combate a instituição familiar debilita a paz na comunidade inteira, nacional e internacional”, pois “enfraquece aquela que é efectivamente a principal ‘agência’ de paz”.

Ao contrário, respeitar e proteger os direitos específicos da família é trabalhar pela paz. Entre estes, o Santo Padre enumera: casa, emprego ou o justo reconhecimento da actividade doméstica, a escola e a assistência sanitária básica para todos: “Quando a sociedade e a política não se empenham a ajudar a família nestes campos, privam-se de um recurso essencial ao serviço da paz!”

O Santo Padre aborda ainda outras dimensões da paz, tais como: o ambiente, a economia, a ética, os conflitos bélicos e o desarmamento.

“A terra é o ambiente que Deus criador nos deu para que o habitássemos com criatividade e responsabilidade”. Por isso, “é fundamental ‘sentir’ a terra como ‘nossa casa comum’ e escolher, para uma gestão da mesma ao serviço de todos, a estrada do diálogo em vez de decisões unilaterais”.

“A família humana, que hoje aparece ainda mais interligada pelo fenómeno da globalização, além de um alicerce de valores compartilhados, tem necessidade também de uma economia que corresponda verdadeiramente às exigências de um bem comum com dimensões planetárias... É preciso ter em devida conta também a exigência moral de fazer com que a organização económica não obedeça somente às duras leis do lucro imediato, que se podem revelar desumanas”.

(Continua na pág. 4)

Paróquia de Viana apoia meninos abandonados ou em risco

A segunda quinzena do primeiro mês de 2008 será para os meninos e meninas do Berço de Nossa Senhora das Necessidades, da comunidade paroquial de Nossa Senhora da Fátima, na cidade de Viana do Castelo, ocasião de mudanças para o novo “Berço” cujas instalações estão prontas e aguardam apenas pequenos retoques e o mobiliário.

Ainda a “negociar” a agenda do ministro do Trabalho e da Solidariedade para a inauguração oficial, este Centro de Acolhimento Temporário de Bebés, a funcionar desde 1992 num apartamento da cidade e quase sempre lotado, passa agora a dispor de capacidade para acolher 24 crianças (o dobro das anteriores instalações) abandonadas ou em situação de risco.

Esta obra que resulta da readaptação e ampliação da antiga casa da “Quinta do Espregueira Mendes”, num investimento participado a rondar um milhão de euros, integra um complexo paroquial desta comunidade, “fundada” há 40 anos, que tem uma componente pastoral, com uma estrutura polivalente onde se integra a igreja, e uma componente social onde estas crianças poderão conviver com os mais idosos do Centro de Dia com capacidade para acolher 20 pessoas.

Ao longo dos anos, esta estrutura de apoio a bebés, única na região, já acolheu mais de uma centena de crianças, um pouco de todo o lado, mas em especial do distrito de Viana, curtas vidas muitas vezes marcadas por grandes sofrimentos. Além da passagem destes dois serviços do Centro Paroquial de Nossa Senhora da Fátima, outros sectores de apoio às pessoas passarão, gradualmente, para o novo espaço, revelou o pároco, tal como o Apoio Domiciliário.

Esta é a concretização de um sonho que este sacerdote acalenta há mais de vinte anos com a vinda para presidir à comunidade. Também para o início do novo ano, dia 5 de Janeiro às 14h30, está agendada uma visita ao sector pastoral deste complexo.

Segundo o padre Artur Coutinho, os técnicos e os membros da Comissão Fabriqueira vão guiar as pessoas, em particular os paroquianos, às obras da igreja e suas valências pastorais cuja obra fechada em bruto (cerca de 1500 metros quadrados) já obrigou a um investimento de 800 mil euros. Esta obra, com um custo estimado de 1,5 milhões de euros, tem sido integralmente custeada pela generosidade das pessoas.

O pároco espera poder completar esta grande intervenção até 2009 e, se a economia e generosidade crescerem, acalenta mesmo a esperança de antecipar para o final do próximo ano.

Como uma Família

(Continuação)

A vivência familiar, sugere o Papa, é uma referência forte para este bom combate. “Com efeito, numa vida familiar ‘sã’ experimentam-se algumas componentes fundamentais da paz: a justiça e o amor entre irmãos e irmãs; a função da autoridade manifestada pelos pais; o serviço carinhoso aos membros mais débeis, porque pequenos, doentes ou idosos; a mútua ajuda nas necessidades da vida; a disponibilidade para acolher o outro e, se necessário, perdoar-lhe”.

Ora, recordando a lição conciliar de que a humanidade inteira constitui uma só comunidade, Bento XVI amarra o combate pela paz à intensidade humana das relações familiares, traduzida em gratuidade, fraternidade, solidariedade e sentido de bem comum e de justiça.

Uma cultura da paz que se queira genuína ou arranca de uma conversão pessoal e social alicerçada nesta ordem de valores ou permanecerá refém de uma guerra fria do pensamento que a esvaziará de alcance realmente transformador. É esta mesma radicalidade de transformação que o Papa explora nesta mensagem, em três domínios fundamentais.

(Continua na pág. 4)